

Quando a brincadeira vira perseguição

O bullying é sério e se não for tratado pode provocar marcas profundas em quem sofre

Bullying não é quando uma criança é alvo de uma brincadeira maldosa ou é excluída de alguma coisa e em poucos dias está tudo bem. Também não é quando um coleguinha leva um empurrão e todos riem, ele fica com vergonha e pode até chorar, mas logo as crianças se resolvem e tudo volta a ficar bem. Desentendimentos, xingamentos e discussões, mesmo que durem alguns dias, não podem ser classificados como *bullying*, assim como nenhum evento isolado.

Bullying (pronuncia-se “búlin”) é uma prática intencional persistente, cruel, que coloca a pessoa

em situação de humilhação e intimidação sistemática e acontece entre pares, isto é, quando é “criança e criança”, “adolescente e adolescentes”. Um professor “perseguir” um aluno ou vice-versa não pode ser considerado *bullying*, porque eles não são “pares”. Outra característica do *bullying* é que ele sempre tem uma “plateia”, espectadores que aprovam a ação. É a cena de filmes americanos onde uma criança fica constrangida e com medo quando o “valentão” da escola está por perto. Ela sofre agressões físicas e verbais por meses ou anos, enquanto os amigos do valentão estão atrás dele, divertindo-se com a situação.



“Reconhecer que o bullying é um problema, intervir preventivamente e agir de forma rápida em caso de incidência é o primeiro passo para a solução.”

Niedja Brandt, supervisora dos projetos da Igreja Batista em Coqueiral (PE), parceira da Compassion.



Ao longo do filme, é possível perceber que o *bullying* mexe com todas as áreas da vida da criança-alvo. Falta de vontade de estudar, medo de ir à escola, angústia, retraimento, baixa autoestima e, nos casos mais graves, suicídio ou até mesmo ataques de fúria, como os que aparecem na mídia cada vez com mais frequência: adolescentes que levam armas para a escola, atiram nos colegas e professores e depois se matam.

Uma pessoa está sofrendo *bullying* quando é sistematicamente intimidada e exposta a ações negativas de uma ou mais pessoas, tendo dificuldade em defender-se. Acontece entre pares, isto é, criança e criança, adolescente e adolescente, e quando há desequilíbrio de forças entre eles.

A origem do *bullying*

De origem inglesa, a palavra vem do verbo “to bully”, que significa intimidar, tyrannizar ou ameaçar intencionalmente alguém mais fraco. Este tipo de perseguição sempre existiu, mas ganhou força entre as décadas de 70 e 80 com os estudos do psicólogo sueco Dan Olweus, primeira pessoa a relacionar atos de intimidação sistemática com a palavra “*bullying*”. Em seu livro “*Bullying at School: What We Know and What We Can Do [1993]*” [“*Bullying* na escola: o que sabemos e o que podemos fazer”, ainda sem tradução para o português] ele aponta que o *bullying* envolve um comportamento padrão e desequilíbrio de forças, isto é, sempre existe um lado mais fraco que não pode ou não sabe se defender.

O *bullying* pode acontecer em qualquer ambiente, como trabalho, vizinhança, família ou Internet (o chamado “*cyberbullying*”), mas é na escola que ele ganha força e é motivo de preocupação. De acordo com pesquisa do IBGE

publicada em 2016, 7,4% dos alunos afirmaram que na maior parte do tempo se sentiram humilhados por provocações e 19,8% admitiram que praticam *bullying* com seus colegas.

“Uma criança que é alvo de *bullying* pode desenvolver marcas para a vida inteira”, alerta Niedja Brandt, supervisora dos projetos da Igreja Batista em Coqueiral, parceira da Compassion, no interior de Pernambuco. Baixa autoestima, vergonha, medo e depressão são alguns dos danos que podem acompanhar para sempre uma criança se o problema não for tratado.

Identificando quem pratica

Existe um estereótipo do “valentão” da escola que intimida os colegas com força física e verbal, porém não necessariamente a pessoa que pratica o *bullying* ou que tem a tendência a fazê-lo encaixa-se neste perfil. O site americano StopBullying.gov (“Pare com o *bullying*”) reforça que é o desequilíbrio entre os pares que dá força ao *bullying* e eles podem ser os mais diversos. Aparência, popularidade, capacidade cognitiva, situação econômica melhor que a dos colegas etc. podem virar verdadeiras armas nas mãos de crianças que são propensas a praticar o *bullying*. O site também aponta outras características que fazem parte do mesmo perfil: sentir-se superior aos outros, gosto pelo domínio ou responsabilidade por outras pessoas, agressividade, baixa tolerância à frustração, pensar e falar mal dos colegas, dificuldades em seguir regras, enxergar atos de violência de maneira positiva, ter pais que não envolvem-se em seus problemas e ser amiga de outras crianças/adolescentes que praticam o *bullying*. “Mas nem todas as crianças que possuem estas características são ou serão praticantes do *bullying*”, alerta Niedja. “É importante identificar a queixa dos outros a respeito desta criança, observá-la em vários momentos antes de tomar qualquer conclusão”, completa, reforçando que a criança ou adolescente que pratica o *bullying* precisa de cuidados tanto quanto a criança que é alvo dele. “Pode ser que esta criança ou adolescente passe por situações difíceis em casa e em algum momento de sua vida tenha entendido que precisa sentir-se poderosa e intimidar alguém. Temos de ensiná-la de que



Foto de agência de imagens livres de direitos de uso.

ela não precisa chamar a atenção para ser importante”.

Ao ser confrontado, essa criança ou adolescente precisa entender a gravidade das suas ações e que o *bullying* é sério e não será tolerado. O primeiro passo é perguntar se ele ou ela entende que tem um problema de comportamento que prejudica os outros. Depois, ações de disciplinas podem ser desenvolvidas em conjunto, porém sem envolver estratégias radicais, como ameaças de expulsão ou suspensão, sempre lembrando de que essa criança ou adolescente pode ter uma história de vida complicada e que talvez precise de ajuda. Tudo deve ser conduzido de forma respeitosa, com amor e paciência, buscando o perdão entre as partes envolvidas.

Tratando de quem sofre o *bullying*

De acordo com o IBGE, os principais motivos das provocações são aparência física e o rosto: crianças ou adolescentes acima ou muito abaixo do peso, com alguma marca física saliente, que não se vestem como seus colegas ou que não possuem determinado objeto ou acessório da moda. Fatores psicológicos e emocionais como baixa autoestima, ansiedade, depressão, fragilidade emocional e ter poucos amigos também deixam crianças e adolescentes expostas ao *bullying*, mas isso não significa que quem tenha qualquer uma dessas características invariavelmente será alvo.

Quando uma criança ou adolescente está sofrendo *bullying*, é preciso agir rápido e lembrar que alguns podem nunca reclamar da situação que estão passando, por isso os educadores precisam ter os olhares atentos às “brincadeiras”, não levar tudo como “coisas da idade” e intervir ao primeiro

sinal. “A criança ou adolescente que sofre precisa sentir-se acolhido e ter confiança em quem se propõe a ajudar”, explica Niedja. A conversa deve ser olho no olho, dando valor à cada palavra dita, reforçando que a criança ou adolescente não é culpado pela situação. Dependendo do caso, é preciso perguntar se algumas coisas da rotina podem ser alteradas para ajudar a amenizar, como mudança do lugar dentro da sala de aula ou mesmo de turma. O mais importante: esteja consciente de que o *bullying* não vai acabar de uma hora para outra, portanto, o apoio e o cuidado com a criança ou adolescente que sofre precisa ser constante.

A melhor defesa

É melhor prevenir do que remediar, diz o ditado que, no caso de prevenção ao *bullying*, pode ser usado como regra de ouro. Rodas de conversas

e palestras, explicar às crianças e adolescentes o que é o *bullying* e fazer com que entendam que é um mau comportamento que pode trazer consequências para a vida inteira é o principal passo para evitar que este tipo de coisa aconteça dentro do projeto. “O projeto precisa ter um clima de confiança, onde as crianças e adolescentes possam compartilhar seus problemas, medos e preocupações com a certeza de que serão ouvidas”, ressalta Niedja. Uma boa atividade é criar com os alunos regras de convivência estabelecidas e acordadas por eles mesmos, como por exemplo: “me comprometo a tratar meus colegas com respeito”, “me comprometo viver em paz com meus colegas” etc. “Reconhecer que o *bullying* é um problema, intervir preventivamente e agir de forma rápida em caso de incidência é o primeiro passo para a solução”, afirma a supervisora. Só assim, por meio da conscientização, este problema pode ser um dia extinto da nossa sociedade. ✨

Em 2015 foi sancionada a Lei nº 13.185 de Combate ao Bullying, que obriga escolas e clubes a adotarem medidas preventivas. O objetivo é promover ações que mudem o comportamento hostil.

Para saber mais:

Bullying – Mentis Perigosas nas Escolas, de Ana Beatriz Barbosa Silva, editora Princípios



Foto de agência de imagens livres de direitos de uso.

Tratando quem sofre *bullying*

- Nunca diga que deve-se ignorar a situação pela qual está passando.
- Nunca culpe a criança ou adolescente por estar sofrendo o *bullying*, mesmo que você saiba que em algum momento ele ou ela pode ter provocado isso. Independente das circunstâncias, ninguém merece ser alvo de *bullying*.
- Nunca incentive ou diga à criança ou adolescente para revidar fisicamente às provocações.
- Os pais da criança ou adolescente que sofre o *bullying* deve evitar entrar em contato com os pais da criança ou adolescente que provoca o *bullying*. Educadores e outros funcionários de projetos e escolas podem servir de mediadores e pacificadores.

Não é coisa de criança

Foto de agência de imagens livres de direitos de uso.

O bullying é um assunto sério e precisa ser tratado à luz da Bíblia antes mesmo que aconteça

O versículo é famoso: “Erga a voz em favor dos que não podem defender-se...” [Provérbios 31.8] e muitas vezes a oportunidade de praticá-lo está bem à nossa frente. Uma criança ou adolescente que sofre *bullying* é o lado mais frágil da balança do desequilíbrio entre pares e requer o máximo de atenção e cuidado. A responsabilidade de ação da igreja e do projeto é grande. A interferência previne o crescimento do problema e a omissão produz marcas para o resto da vida. Elisiane Teixeira, pedagoga dos projetos da Igreja Batista em Coqueiral [PE], parceira da Compassion, ressalta que o *bullying* sempre existiu, mas era visto como “coisa de criança” e que infelizmente, ainda hoje, mesmo com a propagação deste assunto, as pessoas ainda têm a tendência de enxergar desta forma, o que é um erro grave. “Isso pode gerar um sentimento de injustiça para quem está sofrendo.” Erguer a voz em favor dos que não podem defender-se é também tratar do *bullying* antes ele aconteça.

Bullying é um problema para a igreja e projetos?

A prática do *bullying* e o Evangelho são antagônicos, é um assunto que precisa ser tratado. Qualquer ato de desrespeito precisa de ação imediata, por isso o *bullying* merece a atenção e ação da igreja.

No dia a dia do projeto, como diferenciar o bullying de eventos isolados como brigas e discussões?

A intolerância entre crianças e adolescentes é comum. O desenvolvimento do corpo, as características físicas, o jeito de falar são motivos para brincadeiras pejorativas em

qualquer fase. A diferença é que o *bullying* é caracterizado pela continuidade da “brincadeira” e pelo aumento gradativo da agressão, podendo inclusive envolver violência física. Perceber e intervir imediatamente em algumas “brincadeiras” é uma forma de prevenção ao *bullying*. Fazer de conta que é só “coisa de criança” gera o sentimento de cumplicidade para quem pratica e de injustiça em quem está sofrendo.

Como abordar a criança que está sofrendo bullying?

Preste atenção às queixas sobre brincadeiras depreciativas e diga palavras que revertam a agressão recebida. Temos de agir com empatia e senso de justiça,

“Não fazer nada é omitir-se da responsabilidade de proteger quem sofre bullying e também de ser um agente de mudança na vida de quem pratica”

porque isso fará com que a criança ou adolescente que está sofrendo tenha confiança em nós para falar do assunto.

Como o projeto deve interferir?

O projeto deve agir imediatamente ao perceber qualquer tipo de agressão. Tudo o que chega

ao conhecimento da equipe deve ser investigado e tratado. Pequenas agressões ou brigas podem transformar-se em problemas maiores. Promover conversa sobre o fato, repreender em amor e incentivar o pedido de perdão devem fazer parte da rotina.

Em qual ponto envolver a família de quem está praticando o bullying?

Se for identificado logo no início, os casos são resolvidos na conversa, sem a necessidade de outras posturas. Mas casos mais persistentes precisam da intervenção da família antes que o problema se agrave. Precisamos lembrar que pessoas que cometem algum tipo de agressão também são alvo do amor de Deus. Temos de fazer tudo, não apenas para que elas não agridam outras pessoas, mas principalmente para que “convertam-se de seus maus caminhos” e tornem-se pessoas melhores.

Como falar do amor de Deus para as crianças ou adolescentes que são vítimas de bullying?

É difícil acreditar no amor de um Deus que não vemos quando pessoas que vemos fazem coisas ruins conosco. É difícil acreditar que Deus protege quando você está sendo agredido. É difícil entender por que coisas ruins acontecem com pessoas boas. Trabalhar essas questões com

as crianças e adolescentes que sofrem *bullying* é fundamental. Os educadores precisam agir rápido para interromper as ações de *bullying* antes mesmo que elas aconteçam.

Versículos que exaltam a justiça e o amor ao próximo devem ser trabalhados repetidamente.

O que pode acontecer se o projeto não fizer nada a respeito?

Os problemas se agravam quando não se “faz nada”.

As coisas tendem a aumentar e a transformar-se em um grande problema. A omissão é uma característica da negligência. Não fazer nada é omitir-se da responsabilidade de proteger quem sofre *bullying* e também omitir-se de ser um agente de mudança na vida de quem pratica. Tanto um quanto o outro são alvos do amor de Deus e precisam dele para crescerem como pessoas saudáveis, amáveis e solidárias. ✨



Elisiane Teixeira

“A intolerância entre crianças e adolescentes é comum. A diferença é que o bullying é caracterizado pela continuidade da ‘brincadeira’ e pelo aumento gradativo da agressão”

A prevenção é o melhor remédio contra o *bullying*. A Bíblia denuncia a violência e a injustiça e também mostra o quanto as pessoas que sofrem são acolhidas pelo Senhor. Trabalhar versículos direcionados com crianças e adolescentes em rodas de conversa pode ajudar a combater este mal antes que ele cresça. Alguns exemplos:

“Há seis coisas que o Senhor odeia, sete coisas que ele detesta: olhos altivos, língua mentirosa, mãos que derramam sangue inocente, coração que traça planos perversos, pés que se apressam para fazer o mal, a testemunha falsa que espalha mentiras e aquele que provoca discórdia entre irmãos.”

Provérbios 6:16-19

“Como é feliz aquele que não segue o conselho dos ímpios, não imita a conduta dos pecadores, nem se assenta na roda dos zombadores!”

Salmos 1:1

“Vocês ouviram o que foi dito: ‘Ame o seu próximo e odeie o seu inimigo’. Mas eu lhes digo: Amem os seus inimigos e orem por aqueles que os perseguem, para que vocês venham a ser filhos de seu Pai que está nos céus. Porque ele faz raiar o seu sol sobre maus e bons e derrama chuva sobre justos e injustos.

Se vocês amarem aqueles que os amam, que recompensa receberão? Até os publicanos fazem isso! E se vocês saudarem apenas os seus irmãos, o que estarão fazendo de mais? Até os pagãos fazem isso! Portanto, sejam perfeitos como perfeito é o Pai celestial de vocês.”

Mateus 5:43-48

“Não retribuam a ninguém mal por mal. Procurem fazer o que é correto aos olhos de todos. Façam todo o possível para viver em paz com todos.”

Romanos 12:17,18